

AS OVELHAS DE OUTRO APRISCO: O PROBLEMA DA ORIGEM DOS INDÍGENAS NOS RELATOS COLONIAIS

Luis Guilherme Assis Kalil¹

lgkalil@yahoo.com.br

Resumo:

A apresentação tem por objetivo analisar algumas das teorias sobre a chegada dos seres humanos ao Novo Mundo formuladas ao longo do século XVI e início do XVII por autores como Joseph de Acosta e Gregorio García.

Impulsionadas pela convicção de que as terras encontradas por Colombo constituíam uma quarta parte do mundo e pela bula papal *Sublimis Deus* (que confirmou a humanidade de seus habitantes) as hipóteses sobre a origem dos indígenas buscavam integrá-los à escatologia cristã e ao passado clássico. Dessa forma, pretendemos demonstrar que, ao formular suas teorias, havia entre os autores um esforço de determinar que “gênero de gente” os indígenas eram, questão decisiva para a condução do processo de evangelização.

Palavras-chave: Novo Mundo, Índios, Origem.

Abstract:

The sheep of another field: the problem of the Indian's origin in the colonial reports

The presentation has the objective to analyse some of the theories about the arrival of the human being into the New World formulated through the 16th Century and the beginning of the 17th Century by authors as Joseph de Acosta and Gregorio García.

Driven by the conviction that the lands found by Colombo built the 4th part of the world and by the pope's bull *Sublimis Deus* (what confirmed the humanity of its habitants) the hypothesis about the origin of the Indians looked to integrate them to the Christian scatology and the classic past. In this way, we look forward to demonstrate that, as

¹ Doutorando em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

formulating these theories, there was a great effort in determinate “what kind of people” the Indians were, decisive question to conduct the process of evangelization.

Keyword: New World, Indians, Origin.

“Tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; importa que eu as traga. Elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor” (JOÃO 10,16)

Desde os primeiros contatos estabelecidos com as Índias Ocidentais no final do século XV, uma das questões mais abordadas pelos europeus foi a natureza de seus habitantes. Com as indicações crescentes de que as terras encontradas não se tratavam de uma extensão da Ásia, mas sim de um “Novo Mundo”, começaram a surgir hipóteses sobre a origem destes homens. Observamos nos autores do período, desde Colombo, um esforço não apenas para integrar as novas terras, mas também seus habitantes², à história cristã e ao passado greco-romano.

Jacques Lafaye, ao analisar o “problema espiritual” suscitado pelo contato com os indígenas, aponta as dificuldades criadas pela descoberta da quarta parte do mundo. O autor menciona a novidade radical gerada por estas terras: *“La irrupción repentina de una fracción desconocida pero numerosa de la humanidad en un mundo todavía organizado según la cosmografía de la antigüedad helénica, apenas revisada por la Iglesia de Occidente, no podía dejar de despertar graves preguntas.”* (LAFAYE, 1977, p. 83). Dessa forma, ao lado das aproximações com locais como as ilhas de Atlântida e Ofir (HOLANDA, 1969), foram formuladas hipóteses para explicar a origem dos indígenas.

O primeiro ponto a ser esclarecido foi se, de fato, esses seres eram humanos. A esse respeito, a bula *Sublimis Deus*, de 1537, é enfática. Nela, o Papa Paulo III confirma que: “como verdadeiros homens que são, [os índios] não somente são capazes de receber a fé cristã como, segundo nos foi informado, acorrem com prontidão à mesma”. Assim, rapidamente, a questão deixou de se centrar na humanidade ou não dos nativos e passou a buscar compreender de que tipo de humanos se tratava. Ao analisar as dificuldades na definição

² “El primero que se planteó el problema del poblamiento americano fue don Cristóbal Colón (...) Tras examinar a lo que llamó indios, concluyó que no eran de raza blanca, ni negra, sino de ‘la color de los canarios’ (...) Hombre profundamente creyente, consideró que descendían de la única pareja creadora, de Adán y Eva” (SALMORAL, s/d, pp. 19 – 20).

desse “gênero de gente”, João Adolfo Hansen aponta que autores contemporâneos como Anchieta, Nóbrega, Vitoria, Las Casas e Sepúlveda, admitiam que o selvagem era “gente”, entretanto, não havia consenso sobre a qualidade dessa gente (HANSEN, 1998, pp. 361 – 362).

Ao tentar definir o indígena, tornava-se fundamental determinar de onde eles teriam partido em viagem até chegarem ao Novo Mundo, uma vez que as Sagradas Escrituras apontam que todos os seres humanos descendem de Adão – o que dificultava a hipótese autóctone³. Outro elemento que restringia as teorias era a passagem do livro do Gênesis que descreve o extermínio de todos os seres vivos pelo dilúvio ordenado por Deus, poupando apenas os integrantes da casa de Noé⁴. Lafaye afirma que a sorte da cristandade dependia da dos índios: “*y la propia suerte de los indios debía estar escrita por toda la eternidad*”. Para o autor, o problema consistia em identificar os habitantes do Novo Mundo “*con la descendencia de uno de los patriarcas de la Biblia, de relacionarlos de alguna manera con la estirpe de Adán (o, por el contrario, en excluirlos, cosa que no dejó de ser encarada)*” (LAFAYE, 1977, p. 85). Em sua *Historia Natural y Moral de las Indias*, Joseph de Acosta evidencia as relações existentes entre as passagens bíblicas e as teorias sobre a origem dos indígenas:

“Y pues por una parte sabemos de cierto, que ha muchos siglos que hay hombres en estas partes, y por otra no podemos negar lo que la Divina Escritura claramente enseña, de haber procedido todos los hombres de un primer hombre, quedamos sin duda obligados a confesar, que pasaron acá los hombres de allá de Europa o de Asia o de África, pero el cómo y por qué camino vinieron, todavía lo inquirimos y deseamos saber. Ciertamente no es de pensar que hubo otra Arca de Noé en que aportasen hombres a Indias, ni mucho menos que algún Ángel trajese colgados por el cabello, como al profeta Abacuch, a los primeros pobladores de este mundo”
(ACOSTA, 1985, pp. 45 – 46).

Entretanto, muitos acreditavam que, da mesma forma que as Sagradas Escrituras limitavam as hipóteses sobre a origem dos indígenas, elas poderiam, ainda que indiretamente, auxiliar na busca por respostas. Assim, vários autores do período, como o próprio Acosta⁵ e

³ Jacques Lafaye indica que todos os autores do século XVI que abordaram esta temática apontaram a descendência direta do casal original: “*y tenderemos que llegar al siglo XVII, con Isaac La Peyère, para la hipótesis de los indios preadamitas*” (LAFAYE, 1977, p. 87).

⁴ “E foram exterminados todos os seres (vivos) que havia sobre a terra, desde o homem até as bestas, tanto os répteis como as aves do céu, tudo foi exterminado da terra; ficou somente Noé e os que estavam com ele na arca” (GÊNESIS 7, 23 – 24).

⁵ Entre outros relatos religiosos, Acosta escreve sobre a possibilidade de que as palavras de Abdias profetizariam as Índias Ocidentais: “*Quien quisiere declarar en esta forma la profecía de Abdias, no debe ser reprobado, pues*

Gregorio García, buscaram localizar passagens que pudessem conter alusões ao Novo Mundo. Autor de um dos mais célebres livros sobre esta questão publicados no século XVII, o dominicano García dedica um capítulo de sua obra para demonstrar a existência de diversas menções às Índias nos escritos bíblicos: *“Todo aquel capitulo lo declaran de las Indias autores muy graves, i doctos, i señaladamente el M. Fr. Luís de León, en cual, con lo que dice en este capitulo, i lo que dice el profeta Abdías, en el fin de su profecía, prueba que la conversión de los indios por gente española fue profetizada muchos años antes por estos profetas”* (GARCÍA, 1729, p. 61). Por outro lado, nem todos os autores obtiveram êxito ao realizarem esta busca. Como exemplo, podemos citar o *oidor de la Real Audiencia de Lima* Diego Andrés Rocha que em seu *Tratado unico y singular del origen de los indios* (publicado em 1681) afirma ter ido buscar passagens da Bíblia que profetizariam o (re)encontro destas terras, mas: *“no parece que hay lugar en las escrituras que nos enseñe esta origen de los indios, ni de qué hijo de Noé descendan, ni de qué parte viniesen”*. O autor conclui afirmando que, se há alguma alusão a este assunto nas Sagradas Escrituras, ela estaria oculta nas palavras dos profetas (ROCHA, 1981, p. 18).

Um dos trechos bíblicos que mais chamaram a atenção nos primeiros anos da colonização foi a descrição da posteridade dos filhos de Noé: Sem, Cam e Jafet, responsáveis pela propagação “de todo o gênero humano sobre a terra” (GÊNESIS 9,19). Muitos autores tentaram determinar de qual dos três descenderiam os indígenas. Tentativa esta, que, muitas vezes, acabou se expandindo para as outras gerações da casa de Noé⁶. Podemos citar novamente a obra de Diego Andrés Rocha, onde o autor defende a hipótese de que, após o dilúvio, o Novo Mundo teria sido povoado por descendentes de Jafet, em especial, por seu filho Tubal: *“quén poble á Espana como dice el P. Moret en la Historia de Navarra, y sus descendientes la ocuparon y poblaron, y de ellos, como estaban vecinos á la isla Atlântida, vinieron poblando por ella y llegaron á tierra firme, que corre por la parte de Cartagena [de onde teriam se espalhado por toda a América]”* (ROCHA, 1981, p. 45).

es cierto que el Espíritu Santo supo todos los secretos tanto antes; y parece cosa muy razonable que de un negocio tan grande como es el descubrimiento y conversión a la Fe de Cristo, del Nuevo Mundo, haya alguna mención en las Sagradas Escrituras. Esaiás dice: ‘Ay de las alas de las naos que van de la otra parte de la Etiopía!’ Todo aquel capítulo, autores muy doctos le declaran de las Indias” (ACOSTA, 1985, p. 45).

⁶ *“Los tres hijos de Noé (Sem, Cam y Jafet) fueron candidatos a procrear el pueblo amerindio. Lo más corriente fue fijarse en el primero de ellos que engendró los semitas, pero para Torquemada el color de la piel de los indios indicaba claramente que su ancestro era Cam, padre de los camitas. Fray Alonso de Zamora y Lucas Fernández Piedrahita se inclinaron por Jafet, el tercer hijo. Otros muchos siguieron luego rastreando los nietos y biznietos de Noé. Curiosa en extremo fue la interpretación del conocido Arias Montano, para quien América fue poblada por individuos diferentes: Ophir, hijo de Jactan, dio origen a los peruanos, mientras que Jobal engendró los indios de Brasil. Como es natural, fundaba su hipótesis en numerosas y complejas relaciones filosóficas”* (SALMORAL, s/d, p. 20).

Identificar de qual dos filhos de Noé descenderiam os habitantes do Novo Mundo ajudaria a determinar a natureza destes homens. A esse respeito, a descrição da embriaguez do patriarca, é exemplar. Por ter visto seu pai nu, Cam foi amaldiçoado a ser “escravo dos escravos de seus irmãos” (GÊNESIS 9,25). Da mesma forma que Hansen afirma que foram encontradas justificativas nesta passagem para a escravidão dos negros – descendentes de Cam –, a origem dos indígenas poderia interferir nos rumos da conquista. Como veremos adiante, hipóteses que defendiam, por exemplo, a colonização feita por espanhóis ou judeus, acabaram sendo utilizadas como argumentos para legitimar a posse das terras do continente americano.

Afora a Bíblia, vários autores cristãos também influenciaram as hipóteses sobre a origem dos indígenas. Entre eles, destacamos Santo Agostinho, muito analisado pelos escritores dos séculos XVI e XVII, que sentiram a necessidade de abordar em suas obras os trechos em que o “santo Padre” nega a existência de antípodas. Acosta é um deles. Em sua obra, ele afirma que esta opinião não era restrita a Agostinho, outros escritores (gregos, romanos e cristãos) também consideravam inviável a existência de seres humanos nestas regiões. Segundo o jesuíta, haveria ainda outro fator que teria motivado estas opiniões: “*era el calor de la región que llaman Tórrida o Quemada, tan excesivo, que no consentia ni por mar ni por terra, pasar los hombres, por atrevidos que fuesen*” (ACOSTA, 1985, p. 31).

A impossibilidade de vida nas zonas tórridas evidencia que, além da influência da tradição judaico-cristã, as perguntas sobre a origem dos indígenas também dialogavam com elementos oriundos da antiguidade clássica. Aristóteles é analisado por vários autores por ter defendido a inexistência de seres humanos nestas regiões. Novamente, é Acosta quem mais dedica atenção ao tema, explicando por que ele teria se enganado. O filósofo grego também foi citado como fonte para legitimar a hipótese da origem cartaginesa dos indígenas. Entre os autores que defendem esta possibilidade, podemos apontar Motolinía (2001, p. 66), Oviedo (1992, p. 17) e Juan Suárez de Peralta, que apresentam descrições muito semelhantes sobre a descoberta de uma ilha (considerada como sendo ora a Hispaniola ora Santo Domingo) feita pelos cartagineses, que proibiram novas expedições ao local para evitar que a notícia chegasse aos ouvidos de outros povos⁷.

⁷ “*Otra opinión es que proceden de los cartaginenses, la cual fundan en una autoridad de Aristóteles, en el libro de ‘Mirailibus aut seculationibus’, casi al medio del, en que dize, que navegando los cartaginenses de aquel cauo de las Columnas de Hércules, ques el estrecho de Gibraltar, hallaron una isla fértil y despoblada, con mucha arbole y ríos navegables (...) Y con esto imaginan que esta isla es la Española de Santo Domingo, y que desde allí se a poblado todo lo demás de islas y tierra firme, como desde allí se empezaron a descubrir*” (PERALTA, 1990, pp. 46 – 47).

Outros escritores antigos também foram identificados como precursores das notícias sobre a existência da quarta parte do mundo. Gregorio García dedica grande parte de sua obra ao tema, citando uma série de nomes (como Plínio, Sêneca e Plutarco) e deixando implícito que estes autores eram pessoas iluminadas, o que mostraria a redescoberta destas terras no século XVI como algo há muito preparado por Deus (GARCÍA, 1729, pp. 56 – 61). A utilização de elementos da cultura greco-romana para auxiliar as hipóteses de colonização do Novo Mundo também pode ser vista em outros autores, como Pedro Sarmiento de Gamboa, que tenta comprovar o desembarque da nau de Ulisses no continente americano⁸.

Contudo, nenhuma das possibilidades é tão abordada quanto a que relaciona a origem dos indígenas à ilha de Atlântida, descrita por Platão e combatida por autores como Acosta⁹. Bartolomé de Las Casas, em sua *Historia de las Indias*, afirma que as notícias sobre esta ilha demonstrariam ao menos a suspeita da existência do Novo Mundo entre os antigos:

“cuenta Platón de una isla que estaba cerca de la boca del estrecho de Gibraltar, la cual llama Isla del Atlántico, que fue el primero rey della y de quien todo o casi todo el mar Océano se nombró Atlántico; y dice que era mayor que Asia y África, el sitio de la cual se extendía la vía del Austro. En esta isla eran muchos reyes y príncipes y por ella diz que se podía ir y navegar para otras islas comarcanas, y de aquéllas para la tierra firme, que de la otra parte estar se creía (...) Pero después que aquellos ejercicios y solicitud virtuosa, con sus corruptas afecciones y costumbres culpables, dejaron y olvidaron, con un diluvio y terrible terremoto de un día y una noche, la isla tan próspera y felice y de tan inmensa grandeza, con todos sus reinos, ciudades y gentes, sin quedar rastro de todos ellos ni vestigio, sino todo el mar ciego y atollado, que no se pudo por muchos tiempos navegar, se hundieron” (LAS CASAS, 1992, pp. 49 - 50).

⁸ “Dice Strabón, y Solino, que Ulises después de la expugnación de Troya navegó en poniente y en Lusitania pobló a Lisboa y después de edificada, quiso probar su ventura por el mar atlántico océano, por donde ahora venimos a las Indias, y desapareció, que jamás se supo después que se hizo (...) Este Ulises, dando crédito a lo dicho, podemos deducir por indicios, que de isla en isla vino a dar a la tierra de Yucatájn y Campeche, tierra de Nueva España, porque los desta tierra tienen el traje, tocado y vestido grecesco de la nación de Ulises, y muchos vocablos usan griegos y tenían letras griegas. Y desto yo he visto muchas señales y pruebas. Y llaman a Dios Teos, que es griego, y aun en toda Nueva España usan deste término Teos por Dios. Oí también decir, pasando yo por allí, que antiguamente conservaron estos una áncora de navío como en veneración de ídolo y tenían cierto Génesis en griego, sino que disparataba a los primeros pasos. Indicios son bastantes de mi conjetura sobre lo de Ulises” (SARMIENTO DE GAMBOA, s/d, p. 46).

⁹ “Yo, por decir verdad, no tengo tanta reverencia a Platón, por más que le llamen divino, ni aun se me hace muy difícil creer que pudo contar todo aquel cuento de la isla Atlántida por verdadera historia, y pudo ser con todo eso muy fina fábula (...) Sea como quisieren, haya escrito Platón por historia o haya escrito por alegoría, lo que para mí es llano, es que todo cuanto trata de aquella isla, comenzando en el diálogo Timeo y prosiguiendo en el diálogo Critia, no se puede contar en veras” (ACOSTA, 1985, p. 59).

O dominicano afirma ainda que, a princípio, acreditou tratar-se de uma fábula, porém, encontrou diversos autores que teriam legitimado as palavras de Platão. Outros cronistas também defenderam esta hipótese de colonização, como Gamboa, que tenta comprovar a existência da ilha não apenas através da autoridade do filósofo, mas também por cálculos matemáticos e porque teria encontrado no Atlântico “reliquias de enormes edifícios formados por uma argamassa quase perpétua” (SARMIENTO DE GAMBOA, s/d, p. 38). Já Gregorio García afirma que as discussões sobre a existência ou não de Atlântida e de sua utilização como “ponte” para levar os humanos da Europa ao Novo Mundo seriam irrelevantes, o importante para o autor é que, através dela, o Velho Mundo teve notícias das Índias Ocidentais, o que teria facilitado as viagens iniciais. (GARCÍA, 1729, p. 55).

Até agora, observamos hipóteses que tentavam dar uma resposta única para o povoamento de toda a América. No entanto, vários autores tentaram estabelecer diferenciações regionais, o que torna patente os critérios existentes no período em relação a conceitos como o da barbaridade dos nativos, que levavam a uma hierarquização entre diferentes povos. Lafaye aponta para as hesitações existentes no período. Ao mesmo tempo em que o contato com grandes reinos como o Inca e o Asteca, a evidência de um “passado político” e notáveis realizações arquitetônicas e artísticas levaram a uma aproximação “*con los pueblos más evolucionados de la antigüedad pagana de la cuenca mediterránea, como los fenicios y los cartagineses*”, havia aspectos considerados bárbaros pelos europeus (canibalismo, sacrifícios humanos, entre outros), o que gerava uma associação com outra plêiade de povos do Velho Mundo. Segundo o autor, de modo geral: “*la distancia entre una organización eficaz, por una parte, y la práctica de ritos sanguinarios, por otra, despista a los misioneros y a los teólogos*” (LAFAYE, 1977, p. 93).

Diante desta questão, muitos autores tentaram estabelecer diferentes “levas” de povos do Velho Mundo¹⁰, onde cada um deles traria características diferentes¹¹. Diego Andrés Rocha é claro em sua obra ao afirmar que pelo menos alguns dos indígenas descenderiam dos espanhóis, mas ressalta que eles não se misturaram com os descendentes de Israel e da Tartária, considerados inferiores pelo escritor (ROCHA, 1891, p. XII). Outro autor que defende este tipo de argumento foi Acosta. O padre é categórico na afirmação de que as

¹⁰ A crença em colonizações diferentes acabou gerando intensos debates, como o ocorrido no século XVII entre Hugo Grotius (que defende a origem múltipla dos índios: escandinava, etíope e chinesa) e Joannes de Laet (partidário da hipótese cartaginesa/hebréia) descrito por Ronaldo Vainfas em seu livro sobre o jesuíta Manoel de Moraes (VAINFAS, 2008, p. 138).

¹¹ É interessante observarmos a teoria que aproxima as civilizações Inca e Asteca aos egípcios. Ainda no século XX, muitos autores defenderam que as complexas construções feitas por estes indígenas, considerados por eles como grupos superiores aos outros, seriam, na realidade, reminiscências de seus ancestrais egípcios (PERICOT Y GARCÍA, 1936, p. 373).

civilizações do Peru e do México, ainda que bárbaras, eram muito superiores aos outros grupos indígenas¹².

O jesuíta tenta ainda traçar as características e os objetivos dos primeiros a chegarem ao Novo Mundo: “*eran hombres salvajes y cazadores que no gente de república y pulida.; y que aquéllos aportaron al Nuevo Mundo por haberse perdido de su tierra o por hallarse estrechos y necesitados de buscar nueva tierra*”. Para ele, estes homens começaram a povoar a terra não tendo mais lei do que um pouco de luz natural e, quando muito, alguns costumes de sua pátria original. Havia a possibilidade de eles terem vindo de terras de polícia e bom governo, no entanto, o longo isolamento teria levado ao esquecimento estes costumes (ACOSTA, 1985, p. 62). Nesta passagem, podemos observar que Acosta justifica alguns dos costumes bárbaros através do esquecimento, argumento utilizado por diversos escritores, como o jurista Juan de Solórzano y Pereira. Algumas vezes este argumento é associado à falta de escrita no novo continente¹³. A ligação entre a falta de lembranças mais antigas e da escrita entre os indígenas foi utilizado como justificativa para ignorar, ou, ao menos, diminuir a importância das cosmologias criadas pelos próprios grupos nativos: “*si nos ponemos a escuadriñar e indagar de los indios mismos los comienzos de su propagación, tenderemos la impresión de que no vale la pena (...) Porque como no tienen absolutamente ningún recuerdo de cómo emigraron (...) lo que cuentan son, al parecer, simples sueños y delirios de enfermo*” (SOLÓRZANO Y PEREIRA, 2001, p. 327). Os relatos indígenas são considerados “confiáveis” apenas quando os autores detectam possíveis analogias com o universo europeu, o que fica evidente na obra de García. Nela, o autor descreve as “lendas” narradas pelos mixtecos, que conteriam alusões ao dilúvio universal e a um Deus único, entretanto: “*por no enfadar al lector con tantas fábulas i disparates, como los indios cuentan, dejo, i paso por alto muchas cosas*” (GARCÍA, 1729, p. 359).

Outro argumento utilizado para justificar estes costumes seria a atuação do diabo entre os indígenas, que distorcia a herança trazida pelos povos colonizadores. Novamente, a postura de García é exemplar. Para ele, foi o demônio que estimulou os nativos a criarem novas línguas para que a palavra de Deus não pudesse ser pregada e o gentio ficasse para sempre como seu escravo. Em sua obra, os indígenas são descritos como pessoas que perderam suas

¹² Em outros trechos de sua obra, Acosta define três estágios entre os habitantes do Novo Mundo onde “*es de saber que se han hallado tres géneros de gobierno y vida en los indios. El primero y principal, y mejor, ha sido de reino o monarquía, como fue el de los Ingas, y el de Motezuma, aunque éstos eran en mucha parte, tiránicos*” (ACOSTA, 1985).

¹³ Gregorio García é um dos autores que fazem esta associação “*después que fueron descubiertos aquellos reinos, tampoco hay hombre que con certeza lo afirme, i lo diga, i si algunos lo habían de decir, son los indios, pero como no tuvieron libros, ni letras, no tenían memoria de su verdadera origen i principio*” (GARCÍA, 1729, p. 42).

visões, o que impediria o desenvolvimento da luz natural que eles traziam desde seus ancestrais europeus e/ou asiáticos. Isso teria durado até que Deus, com compaixão, enviou seus ministros para salvá-los (GARCÍA, 1729, p. 83).

A tentativa de restringir a algum grupo específico as características consideradas positivas ou negativas dos indígenas fica evidente quando observamos os autores que escreveram sobre a hipótese da colonização judaica. Abordada por uma grande quantidade de escritores (como Las Casas, Durán, Rocha, Grotius, García, entre outros), que centravam suas atenções nas descrições referentes à dispersão pelo mundo das dez tribos de Israel, esta hipótese acaba “explicando” grande parte dos costumes bárbaros do Novo Mundo¹⁴. A obra de Acosta é exemplar a esse respeito. Nela, o autor parte do princípio de que os judeus seriam “*medrosos y descaídos, y muy ceremoniáticos y agudos, y mentirosos*” e afirma que a presença dessas características entre os indígenas foram apontadas por diversos autores como indícios de sua origem judia¹⁵.

Por outro lado, autores judeus defendiam essa origem. Aaron Levi é um deles. Ao retornar do Peru, em 1544, redigiu um relato onde descreve uma associação secreta que teria conhecido em sua viagem e que teria confessado serem descendentes de Abraão e Jacó. Associação esta que, segundo Levi, conspiraria contra a tirania dos espanhóis. O historiador J. Imbelloni aponta outro autor judeu, Menasseh Ibn Israel, que, no século XVII, também defendeu a teoria de que a colonização do Novo Mundo teria sido realizada por grupos judeus “*y la justicia suprema sabra restablecerlos un día en la plenitud de sus derechos; ocurre a menudo la palabra ‘venganza’, y la frase ‘Vindiciae Judaeorum’ más que un título, es un lema*” (IMBELLONI, s/d, p. 40)¹⁶. É interessante observarmos que os argumentos utilizados tanto pelos detratores como pelos defensores da colonização judaica são muito semelhantes. Dessa forma, Menasseh Ibn Israel informa que “*si bien los israelitas poblarían primeramente*

¹⁴ Luis Pericot y García faz um compêndio das características “judaizantes” identificadas nos indígenas: “*una de ellas es la de ser ambos pueblos medrosos y tímidos; otras, la de tener grandes narices, la de hablar guturalmente, el ser muy incrédulos, ingratos, poco caritativos con pobres y enfermos, idólatras (...) el sacrificio de los niños; las prácticas supersticiosas y adivinatorias, e incluso el usar la muerte en cruz*” (PERICOT Y GARCÍA, 1936, p. 366).

¹⁵ No entanto, o jesuíta arrola argumentos que desqualificariam essa aproximação: “*Sabemos que los hebreos usaron letras. En los indios no hay rastros de ellas; los otros eran muy amigos del dinero; éstos no se les da cosa. Los judíos, si se vieran no estar circuncidados, no se tuvieran por judíos. Los indios poco ni mucho no se retajan ni han dado jamás en esa ceremonia, como muchos de los de Etiopía y del Oriente. Mas ¿qué tiene que ver, siendo los judíos tan amigos de conservar su lengua y antigüedad, y tanto que en todas partes del mundo que hoy viven se diferencian de todos los demás, que en solas las Indias a ellos se les haya olvidado su linaje, su ley, sus ceremonias, su Mesías, y finalmente todo su judaísmo*” (ACOSTA, 1985, p. 61).

¹⁶ Segundo o autor, a idéia de uma colonização judaica continuou atraindo a atenção de diversos autores até o século XIX: “*por virtud de ambiciones apoloéticas y nacionalistas de un crecido grupo de escritores judíos, cuyo interés era perpetuar la identidad de Ophir con el Perú y la versión de tribus israelitas esclavizadas que esperaban en América una nueva redención*” (IMBELLONI, s/d, p. 39).

América, se les superpondrían los rudos tártaros (...) y esto se deduce del hecho de que los indios, feos de cuerpo, de rudo entendimiento, mal pueden suponerse israelitas, cuando éstos son de buen rostro y listos” (apud PERICOT Y GARCÍA, 1936, p. 366).

A busca pela real origem dos indígenas remete, muitas vezes, a interesses políticos e econômicos dos países europeus. Vários autores defenderam o argumento de que a Espanha era a verdadeira “dona” do continente por tê-lo colonizado séculos antes. A chegada de Colombo seria apenas um retorno, muitos anos depois, a terras já pertencentes ao Império. Gonzalo Fernández de Oviedo foi um dos primeiros cronistas a desenvolverem esta hipótese¹⁷, contudo, seu maior defensor foi Diego Andrés Rocha. A autorização de impressão de sua obra já aponta que ela deveria ser publicada por conter provas de que os indígenas eram vassallos da Coroa Espanhola “por origem” (ROCHA, 1891, p. XIII). Pericot y García afirma ainda que esta teoria foi utilizada pelos espanhóis diante do Papa para tentar defender seus interesses¹⁸.

É importante lembrarmos ainda que, como analisado por Lafaye, o “problema” da origem dos índios estava diretamente ligado ao processo de evangelização. A possibilidade de colonização judaica, por exemplo, traria consigo uma série de questões teológicas:

“si los judaizantes del Viejo Mundo se encontraban con sus hermanos en el Nuevo, no irían a unirse creando una división? Si las ordenes mendicantes continuaban su cosecha de lamas, la conversión masiva de los indios, descendientes de judíos, no era el prelude de la parúsia anunciada por Joaquín de Fiora como próxima y aguardada por sus discípulos franciscanos?” (LAFAYE, 1977, pp. 91 – 92).

Conclusão:

Ao analisarmos as hipóteses sobre a origem dos indígenas, podemos observar que os argumentos apresentados por Joseph de Acosta em sua *Historia Natural y Moral de las Indias*

¹⁷ “e así, con derecho tan antiquísimo, e por la forma que está dicha, o por la que adelante se dirá en la prosecución de los viajes del almirante Cristóbal Colón, volvió Dios este señorío a España a cabo de tantos siglos. E parece que, como cosa que fue suya, quiere la divina justicia que lo haya tornado a ser e lo sea perpetuamente, en ventura de los bienaventurados e Católicos Reyes don Fernando e doña Isabel, que ganaron a Granada e Nápoles, etc.” (FERNANDEZ DE OVIEDO, 1992, p. 20).

¹⁸ “Ante el pontífice Alejandro VII se discutió si debían extenderse al Nuevo Mundo determinados privilegios eclesiásticos de que disfrutaba España, aduciéndose por los americanos en favor de la petición su pretendido origen español, basado en las tradiciones indígenas y en la autoridad de tratadistas como el padre Maluenda y González de Oviedo” (PERICOT Y GARCÍA, 1936, p. 417).

acabaram ocupando posição central dentro do debate das teorias¹⁹. Segundo o jesuíta, ao restringir suas hipóteses às “coisas humanas”²⁰, restariam três possibilidades de migração: “*o vinieron por mar o por tierra; y si por mar o acaso, o por determinación suya, digo acaso, echados con alguna gran fuerza de tempestad, como acaece en tiempos contrarios y forzosos; digo por determinación, que pretendiesen navegar e inquirir nuevas tierras*”. Acosta afirma ainda que o mais provável seria a vinda por terra, contudo, considera válidas as três possibilidades:

“Pero cosa es mejor de hacer desechar lo que es falso del origen de los indios, que determinar la verdad; porque ni hay escritura entre los indios ni memoriales ciertos de sus primeros fundadores, y por otra parte, en los libros de los que usaron letras tampoco hay rastro del Nuevo Mundo, pues ni hombres ni tierra, ni aún cielo les pareció a muchos de los antiguos que no había en estas partes, y así no puede escapar de ser tenido por hombre temerario y muy arrojado, el que se atreviere a prometer lo cierto de la primera origen de los indios y de los primeros hombres que poblaron las Indias” (ACOSTA, 1985, p. 62).

Seguindo os argumentos de Acosta, Gregorio García buscou realizar um compêndio de todas as teorias consideradas plausíveis sobre a chegada dos indígenas em seu *Origen de los indios de el Nuevo Mundo e indias occidentales*. Nele, o religioso indica a existência de diferentes migrações ocorridas tanto por mar quanto por terra em diferentes períodos, partindo dos mais variados locais (Grécia, China, Atlântida, Ofir, Cartago, entre outros), cabendo aos leitores a escolha das teorias que lhe fossem mais plausíveis²¹. No entanto, tanto Acosta²²

¹⁹ Como exemplo, podemos citar a obra de Juan de Solórzano y Pereira. Em seu *De Indiarum Iure*, o jurista utiliza os argumentos apresentados pelo jesuíta como ponto de partida para toda a sua análise sobre o tema (SOLÓRZANO Y PEREIRA, 2001, pp. 315 – 335).

²⁰ “*Fuera de estas tres maneras, no me ocurre otra posible si hemos de hablar según el curso de las cosas humanas y no ponernos a fabricar ficciones poéticas y fabulosas, si no es que se le antoje a alguno buscar otra águila, como la de Ganímedes, o algún caballo con alas como el de Perseo, para llevar los indios por el aire*” (ACOSTA, 1985, p. 46).

²¹ “*Yo holgaría, que de tal manera fuesen fundadas aquellas opiniones, que cada cual de los lectores hallase alguna que cuadrase à su entendimiento, convencido de las razones, i fundamentos, que en ellas pongo, porque siendo así, daré por bien empleado mi trabajo*” (GARCÍA, 1729, p. 37).

²² Como observamos acima, Acosta identifica três estágios entre os indígenas. Segundo o jesuíta, o Evangelho foi transmitido com maior rapidez e facilidade entre os indígenas do Peru e da Nova Espanha, por serem monarquias que estariam no auge de seu desenvolvimento quando da chegada dos espanhóis às terras do Novo Mundo “*Hay conjeturas muy claras que por gran tiempo, no tuvieron estos hombres reyes ni república concertada, sino que vivían por behetrías, como ahora los floridos y los chiriguanas, y los brasiles y otras naciones muchas, que no tienen ciertos reyes, sino conforme la ocasión que se ofrece en guerra o paz, eligen sus caudillos como se les antoja: Mas con el tiempo, algunos hombres que en fuerzas y habilidad se aventajaban a los demás, comenzaron a señorear y mandar, como antiguamente Nembrot, y poco a poco, creciendo, vinieron a fundar los reinos de Pirú, y de México, que nuestros españoles hallaron, que aunque eran bárbaros, pero hacían*

quanto García indicam a dificuldade de se determinar a trajetória dos indígenas até o Novo Mundo e afirmam que ela estaria relacionada à variedade de costumes encontrados nestas terras.

Com isso, observamos que, ao tentarem incorporar o Novo Mundo à escatologia cristã, os europeus criaram uma longa série de teorias sobre a origem de seus habitantes que buscavam indícios (“presentes” nos mais variados aspectos dos indígenas: vestimentas, línguas, costumes, utensílios, etc.) que pudessem ser, de alguma forma, identificados a elementos europeus. Teorias estas, que traziam consigo implicações políticas e religiosas como, por exemplo, nas disputas pelo controle das terras do novo continente e na escolha de estratégias de conversão dos indígenas.

Referências:

ACOSTA, Joseph de. *Historia Natural y Moral de las Indias*. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. *Historia General y Natural de las Indias I*. Madrid: Ediciones Atlas, 1992.

GARCÍA, Gregorio. *Origen de los indios de el Nuevo Mundo e indias occidentales*. Madrid: Imprenta de Francisco Martinez Abad, 1729 (books.google.com, acessado em 07/09/2009).

HANSEN, João Adolfo. “A servidão natural do selvagem e a guerra justa contra o bárbaro”. In **NOVAES**, Adauto. *A descoberta do Homem e do Mundo*. São Paulo: Minc/Funarte; Companhia das Letras, 1998. pp. 347 – 373.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso – motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1969.

IMBELLONI, J. *La Segunda Esfinge Indiana – antiguos y nuevos aspectos del problema de los orígenes americanos*. Buenos Aires: Librería Hachette, s/d.

LAFAYE, Jacques. *Quetzalcóatl y Guadalupe: La formación de la conciencia nacional em México*. México: Fondo de Cultura Económica, 1977.

LAS CASAS, Fray Bartolomé de. *Obras Completas*. Madrid: Alianza Editorial, 1992.

grañidísima ventaja a los demás indios. Así que la razón dicha persuade que se haya multiplicado y procedido el linaje de los indios por la mayor parte de hombres salvajes y fugitivos” (ACOSTA, 1985, p. 60).

MOTOLINÍA, Fray Toribio de Benavente. *Historia de los Indios de la Nueva España*. Madrid: Dastin, 2001.

PERALTA, Juan Suárez de. *Tratado del descubrimiento de las Yndias y su conquista*. Madrid: Alianza Editorial, 1990.

PERICOT Y GARCÍA, Luis. *América Indígena – Tomo I (el hombre americano – los pueblos de América)*. Barcelona: Salvat Editores, 1936.

ROCHA, Diego Andrés. *Tratado único y singular del origen de los indios del Perú, México, Santa Fe y Chile*. Madrid, 1891.

SALMORAL, Manuel Lucena (organizador). *Historia de Iberoamérica – Tomo I (Prehistoria e Historia Antigua)*. Madrid: Cátedra, s/d.

SARMIENTO DE GAMBOA, Pedro. *Historia de los Incas*. Buenos Aires: Editora Emecé, s/d.

SOLÓRZANO Y PEREIRA, Juan de. *De Indiarum Iure (Liber I: De inquisitione Indiarum)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2001.

VAINFAS, Ronaldo. *Traição – um jesuíta a serviço do Brasil holandês processado pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.